

4

CAPÍTULO

VARIAÇÃO FÔNICA E LÉXICO-SEMÂNTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL A PARTIR DE DADOS DO PROJETO ALiB

Vanderci de Andrade Aguilera

Universidade Estadual de Londrina/CNPq

Maria do Socorro Aragão

Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Ceará

Aparecida Negri Isquerdo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CNPq

Jacyra Andrade Mota

Universidade Federal da Bahia/CNPq

4.1 INTRODUÇÃO

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), iniciado em 1996, tem como objetivo primordial a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, no tocante à

língua portuguesa, preenchendo, na área da Geolinguística, uma lacuna apontada por diversos pesquisadores, desde meados do século XX¹.

Do ponto de vista metodológico, segue os parâmetros da Geolinguística Pluri-dimensional Contemporânea, buscando documentar não apenas a variação diatópica, como nos atlas hoje identificados como “tradicionais”, mas também dimensões como a diagenérica, a diageracional, a diastrática ou a diafásica. Para atingir tal objetivo, registra a fala de indivíduos dos dois gêneros, de duas faixas etárias – a mais jovem, de 18 a 30 anos, e a mais idosa, de 50 a 65 anos – e, nas capitais, de níveis de escolaridade diferentes – fundamental e universitário –, em discursos também diversificados quanto ao grau de espontaneidade, variando o tipo de pergunta – mais direta, como no questionário fonético-fonológico (QFF), ou menos direta, como em algumas questões dos questionários morfossintático (QMS) e semântico-lexical (QSL), – e incluindo a solicitação de relatos de fatos pessoais e da leitura de um texto, além de questões de pragmática e de natureza metalinguística.

Os dados assim obtidos, apesar de restritos a oito informantes, nas 25 capitais que constituem a rede de pontos do ALiB, e a quatro, nas demais localidades, vêm documentando, ao lado da variação diatópica, o prestígio de determinadas variantes e fornecendo indícios a respeito de algumas mudanças em curso no português do Brasil, como se verifica em cartas experimentais e artigos publicados nos últimos anos com análise do *corpus* ALiB, sobretudo referente às capitais².

Reúnem-se, neste artigo, exemplos de variação fônica e semântico-lexical, discutindo, também, a questão do *continuum* rural e urbano na norma lexical do português do Brasil, com base em variantes lexicais.

As variantes fônicas analisadas – realizações africadas palatais (em *muntcho*, *dodjo*) – apontam indícios de mudança em curso, no português do Brasil, em direção às oclusivas dentoalveolares [t, d] (*muíto*, *doído*), mais prestigiadas.

No nível semântico-lexical, analisam-se itens lexicais que correspondem às seguintes perguntas do Questionário Semântico-lexical (QSL) que integra o Questionário Linguístico do Projeto ALiB (Cf. Comitê Nacional, 2001): (a) “barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva” (QSL 17); (b) “inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água” (QSL 85); e (c) “lugar pequeno, com balcão onde os homens costumam ir beber cachaça e também se pode comprar alguma outra coisa” (QSL 202).

¹ Em 1952, através do Decreto nº 30.643, regulamentado pela Portaria nº 536 de maio do mesmo ano, o Governo Brasileiro, ao criar a Casa de Rui Barbosa, determinou como sua principal finalidade a elaboração de um atlas linguístico do Brasil.

² Em 2014, foram publicados os volumes 1 e 2 do *Atlas Linguístico do Brasil*. Cf. CARDOSO et al, 2014a; CARDOSO et al, 2014b.

4.2 VARIAÇÃO FÔNICA NO CORPUS DO PROJETO ALiB

Para a análise da variação fônica, foram consideradas não só as respostas às questões do QFF, especificamente dirigidas à documentação do fato, mas também ocorrências encontradas em outros questionários (QSL, QMS), em trechos dos discursos semidirigidos e em comentários espontaneamente feitos pelos informantes, no decorrer dos inquéritos para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB.

Do QFF constam as questões referentes aos vocábulos: *muito* (QFF 077 e 079), *prefeito* (QFF 083), *peito* (QFF 117) e *doido* (QFF 138). Além desses, registram-se, a propósito de outros questionários ou em trechos de fala espontânea, ocorrências das africadas palatais em *suspeito*, *confeito*, *receita*, *direito*, *coitado*, *deitar*, *cuidar*, *ajeitar*, *feito*, *oito*, *oitenta* etc.

Todas as ocorrências foram quantificadas e submetidas ao programa *Varbrul*, em sua versão *Goldvarb2001*³.

4.3 AFRICATIZAÇÃO DO /T, D/ DEPOIS DE SEMIVOGAL PALATAL

As realizações africadas, depois de /j/, em vocábulos como *mntcho*, *dodjo* (ao lado de *muito*, *doido*), foram identificadas por Silva Neto (1986) como “importante traço de um dialeto bastante conhecido em todo o Brasil: o baiano”. Documentam-se não só nos falares *baiano* e *nordestino* (considerando a subdivisão de áreas dialetais proposta por Nascentes (1953)), mas também em outras áreas, como, por exemplo, na faixa litorânea de Santa Catarina, com relação à variante desvozeada, como observado por Furlan (1989), e em Lagoa da Pedra e Canabrava, comunidades rurais de afro-descendentes, no estado de Tocantins, estudadas por Dias (2009).

4.3.1 Variação diatópica

No *corpus* do ALiB analisado por Mota e Santos (2012), referente às capitais do Nordeste, as *africadas baianas* se documentam, principalmente, em Maceió (com 60% e 0,88 de peso relativo) e em Aracaju (com 26% e 0,56 de peso relativo), vindo a seguir, com índices menores, em ordem decrescente: Natal, com 18% e 0,49 de peso relativo; João Pessoa, com 13% e 0,31 de peso relativo; Recife, com 10% e 0,27 de peso relativo; e Salvador, com 9% e 0,22 de peso relativo. (A esse respeito, cf. Tabela 4.1).

³ Para essa análise, contou-se com a participação de bolsistas de Iniciação Científica – CNPq/UFBA, sob orientação de Jacyra Mota.

Tabela 4.1 Variação diatópica

Africadas palatais depois de /j/ em capitais do Nordeste			
Capitais	Nº ocor. / Total	%	Peso relativo
Maceió	276/456	60	0,88
Aracaju	84/316	26	0,56
Natal	28/149	18	0,49
João Pessoa	24/179	13	0,31
Recife	48/445	10	0,27
Salvador	32/322	9	0,22

Significância: 0,016.

Em Teresina, registraram-se apenas duas ocorrências e, em Fortaleza e São Luís, nenhuma ocorrência.

4.3.2 Variação diatópico-diageracional

Quanto à variação social, observa-se que a manutenção das “africadas baianas”, em detrimento das realizações dentoalveolares, mais prestigiadas, ocorre, principalmente, em falantes da faixa etária II, configurando-se como variação diageracional, como se verifica na Tabela 4.2.

Tabela 4.2 Variação diatópico-diageracional

Africadas palatais depois de /j/ em capitais do Nordeste				
Capitais	Faixa I		Faixa II	
	%	Peso relativo	%	Peso relativo
Maceió	23	0,57	79	0,95
Aracaju	14	0,43	34	0,67
Natal	1	0,05	38	0,72
João Pessoa	5	0,19	18	0,43
Recife	9	0,23	11	0,35
Salvador	1	0,04	14	0,36

Significância: 0,000.

4.3.3 Variação diatópico-diastrática

Com relação à escolaridade, fator considerado como indicativo de variação estrática, documenta-se, em todas as capitais, predominância das variantes africadas na fala de indivíduos de nível fundamental. Destacam-se, porém, pela menor diferença entre os dois níveis, em percentuais e em pesos relativos: Maceió e João Pessoa. A esse respeito, cf. Tabela 4.3.

Tabela 4.3 Variação diatópico-diastrática

Africadas palatais depois de /j/ em capitais do Nordeste				
Capitais	Nível universitário		Nível fundamental	
	%	Peso relativo	%	Peso relativo
Maceió	55	0,86	65	0,90
Aracaju	2	0,12	47	0,82
Natal	10	0,38	28	0,63
João Pessoa	10	0,35	15	0,46
Recife	2	0,12	16	0,47
Salvador	1	0,06	17	0,50

Significância: 0,000.

4.3.4 Variação diatópico-diagenérica

A variação diagenérica aponta a predominância das variantes africadas em informantes masculinos, em João Pessoa e Salvador, e diferenças pouco significativas entre os dois gêneros, nas demais capitais. A esse respeito, cf. Tabela 4.4.

Tabela 4.4 Variação diatópico-diagenérica

Africadas palatais depois de /j/ em capitais do Nordeste				
Capitais	Gênero feminino		Gênero masculino	
	%	Peso relativo	%	Peso relativo
Maceió	56	0,86	66	0,88
Aracaju	24	0,56	29	0,57
Natal	15	0,50	23	0,51
João Pessoa	8	0,21	19	0,52
Recife	10	0,27	11	0,29
Salvador	4	0,12	20	0,44

Significância: 0,000.

4.4 VARIAÇÕES LÉXICO-SEMÂNTICAS NO CORPUS DO ALiB

Ao estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

No caso específico do léxico, essa afirmação é ainda mais verdadeira, pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais

das comunidades humanas são refletidos em seu léxico. Segundo Barbosa (1993, p.1), “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”.

Para apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sociolinguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos. Isso porque o léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Do mesmo modo que a variação fonética, a lexical pode ser e geralmente é considerada, ora como puramente geográfica, dialetal ou diatópica, como social ou diastrática, ou ainda dependente do estilo, estilística ou diafásica.

Todos aqueles que se preocupam com o estudo do léxico sabem da importância e da dificuldade de tratar desse aspecto da linguagem. Tal dificuldade decorre da própria definição do que seja léxico, por ser de inventário aberto, sendo criado e modificado de acordo com as necessidades de seus usuários. Concorda-se com Oliveira (2001, p. 110) quando afirma que:

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que regem [...]. Todo sistema léxico representa o resultado das experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos.

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Os itens lexicais aqui estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo e de que modo cada região elabora lexicalmente esse universo.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região ou por todo o país, e é nesse aspecto que são aqui analisados os itens lexicais *arco-íris*, *libélula* e *boteco*, nas capitais brasileiras, a partir de dados do Projeto ALiB.

4.5 DENOMINAÇÕES PARA ARCO-ÍRIS NAS CAPITALS BRASILEIRAS

A partir da questão nº 17 do QSL do ALiB, campo semântico Fenômenos Atmosféricos, referente a *arco-íris*, foram observados os seguintes aspectos: a) a frequência e distribuição das variantes em todas as capitais e em cada uma de per si; b) a estruturação das variantes em forma simples, compostas, complexas e como

expressões completas. Para essa análise trabalhou-se com itens lexicais que respondem à questão de variantes para o conceito: “barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva”⁴.

Houaiss (2001) define *arco-íris* como:

Arco luminoso que se origina em fenômenos físicos e meteorológicos e é produzido quando a luz solar é refratada, dispersa e internamente refletida por gotículas de água proveniente da chuva e suspensas na atmosfera [É visível como um conjunto de bandas coloridas adjacentes na forma de arcos de circunferência (mais raramente como anéis) com as cores do espectro solar].

Ferreira (2010), por sua vez, dá uma primeira definição, a partir de Íris (a mensageira da deusa Juno), que vinha do céu caminhando por este arco:

Fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera e que é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente circunferências inteiras) coloridos com as cores do espectro solar. Arco celeste, arco da aliança, arco de chuva, arco da velha, arco-de-deus.

Já para Nascentes (1960), *arco-íris* refere-se a “um meteoro luminoso em forma de arco o qual apresenta as sete cores do espectro solar em sua ordem natural”.

Ao tratar das crendices populares sobre o arco-íris, Cascudo (1984, p. 73) expõe que “o sertanejo não gosta do arco-íris porque furta água [...] para o sertão o arco-íris sorve a água das nuvens. Bebe a dos riachos e córregos. Quando se dissipa, deixa o céu limpo de névoas, nuvens anunciando chuvas”.

Alinei (1983, p. 54), ao estudar as motivações semânticas de *arco-íris* nas línguas e dialetos europeus, afirma que é o contexto cultural que está subjacente ao nome que se dá ao fenômeno. Ele propõe quatro etapas para interpretação da realidade, a partir de arco-íris:

- 1) uma interpretação zoomórfica, onde o arco-íris é visto como um animal gigantesco, engolindo e cuspidando água;
- 2) uma interpretação antropomórfica, onde o arco-íris se desenvolve em um Deus ou Deusa, ou um atributo de um dos dois;
- 3) uma terceira interpretação, ainda antropomórfica, porém complementada por uma forma cristã ou islâmica, um santo ou santa que toma o lugar de Deus;
- 4) a última interpretação é da cultura moderna, onde os nomes são despersonalizados, ou se tornam totalmente opacos para o falante.

⁴ Uma primeira versão do estudo das denominações para *arco-íris* nas capitais brasileiras foi publicada por Aragão (2011).

4.5.1 Outras denominações

Quanto às demais denominações encontradas nas capitais brasileiras: *arco-da-aliança*, *arco-da-velha*, *arco-celeste*, *aliança de deus com os homens*, *aliança de deus com o povo da terra*, *encontro de deus com os homens*, encontram-se interpretações diversas.

(i) *Arco da aliança*, *aliança de deus com os homens*, *aliança de deus com o povo da terra*, *encontro de deus com os homens* têm uma interpretação bíblica, relacionada ao *Gênesis*, 9:12, que determina: “Este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas”; ou em 9:13: “O meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal do concerto entre mim e terra”. Concluindo em 9:17: “Este é o sinal do concerto que tenho de estabelecer entre mim e toda a carne, que está sobre a terra”. (Cf. BÍBLIA SAGRADA, 1977, p. 10)

(ii) No caso de *arco-da-velha*, há uma versão popular e uma religiosa. Segundo Ribeiro (apud CASCUDO, 1984, p. 73-74):

A idéia de velha, reunida a arco, provém da córcova ou corcunda que é própria tanto do arco como da velha [...]. Esta analogia tenho para mim que é a fonte mais segura; os fabulários e isopetes medievais contaram a história do arco da velhice, isto é, da corcova valetudinária e senil, ocasião de motejos para os rapazes.

Cascudo (1977, p. 89), ao estudar as motivações semânticas de *arco-da-velha*, explica que “velha é a personalização das forças adversárias da normalidade vital, Morte, Destino, Estiagem, Inverno, o Mal, a Bruxa, malefícios à fecundidade vegetal e animal. O arco é a curva dorsal pela velhice”. A versão religiosa é justificada como uma redução da expressão *velha aliança*, já explicada no caso de *arco-íris*. Barros Ferreira (apud CARDOSO, 2001- 2002, p. 91) esclarece que: “[...]. Segundo alguns autores, seria uma redução de *Velha Aliança*, em referência ao episódio bíblico da aliança estabelecida entre Deus e Noé depois do dilúvio e de que o arco-íris seria o sinal. É esta a explicação que foi dada, no século XVI, por Frei Heitor Pinto e que foi retomada no século XVIII por D. Raphael Bluteau. [...]”.

Das oito expressões encontradas para a forma básica *arco-íris*, ela foi a única a ocorrer em todas as capitais. Outras formas, com o signo *arco*, como *arco-celeste*, *arco-da-velha* e *arco-da-aliança*, são comuns às regiões Centro-Oeste, (Campo Grande e Cuiabá); Nordeste (Teresina); Sul (Curitiba) e Sudeste (Belo Horizonte e São Paulo); e as formas *encontro de deus com os homens*, *aliança de deus com o povo da terra* e *aliança de deus com os homens* apareceram nas regiões Centro-Oeste (Campo Grande e Cuiabá) e Norte (Acre). A esse respeito, cf. Quadro 4.1.

Quadro 4.1 Realizações de variantes de *arco-íris* em capitais brasileiras

Capitais	VARIANTES						
	Arco	Arco da aliança	Arco celeste	Arco da velha	Aliança de deus com os homens	Aliança de deus com o povo da terra	Encontro de deus com os homens
B. Horizonte				X			
C. Grande	X					X	
Cuiabá	X	X				X	
Curitiba				X			
Rio Branco					X		

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Pode-se observar, nesse caso, que o sema genérico comum a quase todas as variantes lexicais é a forma de *arco*, como em *arco-íris*, *arco da aliança*, *arco da velha* e *arco-celeste*. Outro sema também recorrente é o de cor, que caracteriza o arco-íris. Por fim, os semas que subjazem a todas as acepções são os de fantástico, maravilhoso, sobrenatural, divino.

Ao serem analisadas as variantes lexicais utilizadas pelos informantes, pode-se ver que elas se enquadram em estruturas diferentes:

- i) formas compostas, como *arco-íris*, *arco da velha*, *arco da aliança* e *arco celeste*. Apenas *arco* é unidade lexical simples e serve de base para a estrutura das demais;
- ii) algumas são formas complexas ou textuais, como *aliança de deus com os homens*, *aliança de deus com o povo da terra* e *encontro de deus com os homens*;
- iii) a variante *arco-íris* teve ocorrência de 100% em todas as localidades e em todos os informantes. Essa unidade lexical apresentou algumas variações fonéticas, como: ['ahku - 'iʒis]; ['ahku - 'ilu]; ['awku-'iʒi]; ['ahku - 'is] e ['ahku - 'liʒu];
- iv) a unidade lexical *arco-da-velha* ocorreu em três localidades e foi citada por três informantes, sendo dois da segunda faixa etária e um da primeira. Apresentou as seguintes variantes fonéticas: ['ahku da 'vea]; ['ahku da 'veja];
- v) a variante lexical *arco* surgiu em apenas duas localidades, com dois informantes da primeira faixa etária;
- vi) cada uma das formas compostas *arco da aliança* e *arco celeste* foi encontrada apenas em uma localidade, com informantes da primeira faixa etária;

- vii) as formas complexas ou textuais *aliança de deus com os homens e encontro de deus com os homens* apareceram uma vez em uma localidade e *aliança de deus com o povo da terra*, em dois pontos da rede de pontos do ALiB.

Arco-íris, como forma categórica, em todas as localidades e em todas as categorias de informantes, e as variantes lexicais compostas *arco-celeste*, *arco da aliança* e *arco da velha têm como referência a abóbada celeste ou elementos a ela relacionados, como em arco celeste*. Podem, também, ser relacionadas a conceitos religiosos cristãos, como em *arco-da-aliança*.

4.6 DENOMINAÇÕES PARA LIBÉLULA NAS CAPITALS BRASILEIRAS

Do campo semântico da Fauna, foi selecionada, para este estudo, uma questão do Questionário Semântico-lexical: a de nº 85 para a *libélula* (“Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?”). O *corpus* constitui-se dos dados obtidos nas 25 capitais junto a 200 informantes estratificados segundo o sexo (homem, mulher), a faixa etária (Faixa I e II) e o nível de escolaridade (Fundamental e Superior).

O *Atlas Linguístico do Brasil*, cujos dois primeiros volumes foram recentemente publicados (Cf. CARDOSO et al., 2014a, 2014b), traz, no volume 2, seis cartas com as variantes de *libélula* apuradas nas capitais: a carta L12, com a distribuição das variantes mais produtivas nas localidades investigadas e as cartas L12a, L12b, L12c, L12d e L12e, com os dados das Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, respectivamente. Está prevista para o próximo ano a publicação dos estudos referentes às cartas do volume 2.

Para a análise, levou-se em conta: (i) a frequência das variantes nas 25 capitais, nas cinco regiões fisiográficas e em cada uma das capitais isoladamente; (ii) a provável motivação para a criação popular das variantes, com apoio, igualmente, na classificação de Alinei (1983, p. 54)⁵.

Como respostas à questão 85, foram obtidos 181 registros⁶, assim distribuídos na Tabela 4.5.

⁵ O autor trata da classificação das variantes para *arco-íris* que aqui se estende para a análise das denominações para a *libélula*.

⁶ Essa é uma das questões do QSL em que se verificou alto índice de não respostas, pois 49 dos 200 informantes declararam não conhecer o inseto, não se lembrar, ou não saber o nome dele. Por outro lado, alguns informantes, além da forma padrão *libélula*, apresentaram outras, mais antigas, ou mais inovadoras, de base popular.

Tabela 4.5 Variantes para *libélula* computadas todas as respostas

VARIANTES	Nº	%	VARIANTES	Nº	%
libélula	42	23,21	bate-bunda	2	1,10
jacinta	31	17,13	Cachimbal	2	1,10
ziguezigue	19	10,50	assa-peixe	2	1,10
cigarra	13	7,19	louva-deus	2	1,10
helicóptero	11	6,08	maria d'água	2	1,10
lava-bunda	10	5,53	olho-de-peixe	2	1,10
catirina	6	3,32	lava-olho	1	0,55
lavadeira	6	3,32	Pixiringa	1	0,55
besouro	5	2,76	cabra-cega	1	0,55
lava-cu	4	2,21	Avião	1	0,55
cavalo do cão	4	2,21	cavalo de deus	1	0,55
mané-magro	4	2,21	cavaleiro de fogo	1	0,55
cavalo	3	1,65	Matachim	1	0,55
macaco/macaquicho	3	1,65	mãe d'água	1	0,55
TOTAL				181	100

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Acredita-se que, dentre as 202 questões propostas no QSL, esta seja uma das mais polimórficas, pois, nas respostas dos informantes, foram levantadas quase três dezenas de variantes. Toma-se aqui *libélula* como a variante padrão, que, no entanto, representa menos de $\frac{1}{4}$ de todas as respostas. Entre 5% e 17% ocorrem *jacinta*, *ziguezigue*, *cigarra*, *helicóptero* e *lava-bunda*. As demais oscilam entre 0,55% e 3,32%. A Tabela 4.5 mostra que, relativamente aos falantes das capitais, *não há uma forma predominante, mas uma multiplicidade de variantes que se distribuem*, na maioria dos casos, de forma heterogênea.

Olhando para os dados por região, verifica-se que *libélula* é majoritária apenas na região Sul, com oito dos 25 registros (32%). Nas demais, as variantes populares regionais são as mais frequentes. *Jacinta*, por exemplo, concentra-se nas capitais da região Norte com 31 dos 50 registros, ou seja, 62%; *ziguezigue* (ou *ziguezague*), no Nordeste com 33,4% das respostas, ou 19 registros dos 57 apurados nas nove capitais nordestinas; no Sudeste, *lavadeira* foi registrada na fala de cinco dos 32 informantes (16,7%) e *cigarra* em quatro deles (13,3%); na região Centro-Oeste, *lava-bunda*, *bate-bunda*, *lava-cu* juntas representam 35,3% do total, isto é, na fala de seis dos 17 informantes e, finalmente, na região Sul, *cigarra* e *besouro*, com 20% cada, concorrem com *helicóptero*, com 16% do total de 25 registros.

Algumas capitais apresentam variantes peculiares, como Rio Branco-AC, Recife-PE e Salvador-BA, nas quais, sob a base cavalo/cavalinho – *cavalinho de deus*, *cavalo do cão*, *cavalo d' água* – documentam-se, respectivamente, 57,1%, 40% e 60% do total dos registros de cada uma das localidades; em São Luís-MA, *macaco/macaquicho* com 60% do total; em Fortaleza-CE, *mané-magro* (50%); em Teresina-PI, *catirina* representa mais de 85% dos dados; em Aracaju-SE, Campo Grande-MS, Vitória-ES e Curitiba-PR, juntando as denominações *lava-bunda*, *bate-bunda*, *lava-cu*, com 57%, 71,4%, 20% e 37,5% respectivamente; em Cuiabá-MT, *assa-peixe* e *olho-de-peixe*, com 50% cada; em Goiânia-GO, *helicóptero* com 50% dos registros; em São Paulo-SP e Porto Alegre-RS, *cigarra* com 30% e 62,5%, respectivamente; no Rio de Janeiro-RJ e em Vitória-ES, *lavadeira* com 50% e 22,2% e, em Florianópolis-SC, foi registrado *besouro*, a mais produtiva, com 55,6% dos nove registros.

A Tabela 4.5 também aponta outras variantes menos produtivas, algumas das quais como *hapax*: *matachim*, *pixiringa*, *lava-olho*, *cabra-cega*, *cavalo-de-deus*, *cavalo-de-fogo*, *avião* e *mãe d' água*.

Para a classificação das variantes populares para a *libélula*, também se buscou na interpretação de Alinei (1983, p. 54) a provável motivação semântica para cada uma delas.

Uma interpretação antropomórfica pode ser atribuída às denominações *catirina*, *jacinta*, *mané-magro* e *maria d' água*, que apontam o recurso pelo qual vários antropônimos do português brasileiro servem de base para a denominação popular de animais ou vegetais, como se constata nas formas dicionarizadas *joana-de-barro*, *joaninha*, *joão-de-barro*, *joão-de-leite*, *joão-torrão*, *joão-torresmo*; *mané-jacá*, *maria-besta*, *maria-mole*, *maria-pretinha*, *maria-vitória*, conforme documenta Ferreira (2004). *Catirina*, em Ferreira (2004), está registrada como variante de Catarina, do campo do Folclore, significando a principal personagem feminina do bumba-meu-boi. *Jacinta*, por sua vez, originalmente *jacina*, que consta de Cunha (1982) com a acepção de libélula, procedente da forma tupi *ia'sina*. Também está dicionarizada em Ferreira (2004), com a mesma origem e acepção.

Uma interpretação antropomórfica em que uma parte do corpo é salientada, como nas variantes: *lava-bunda*, *lava-cu*, *bate-bunda*, *lava-olho*; *olho-de-peixe*. As três primeiras remetem ao voo rasante do inseto sobre a superfície da água e a mesma interpretação poderia ser dada a *lava-olho* como alusão a bunda, cu. As formas *lavadeira* e *cavaleiro de fogo* poderiam ser incluídas nesta classe por remeterem a atividades humanas.

Uma interpretação da cultura moderna, em que os nomes são despersonalizados, ou se tornam opacos para o falante, como o que ocorre com *matachim*, *pixiringa* e *cachimbal*. Consultando alguns dicionários, verifica-se que *matachim* não está dicionarizada e a variante fonética mais próxima seria *matuim* que, em abonação constante de Cunha (1982), se refere a um pássaro pequeno que anda sobre os mangues. Para *pixiringa*, a entrada mais próxima em Cunha (1982) é *pixurim* cujo significado se liga ao nome de uma planta e um fruto da Amazônia, portanto, sem qualquer ligação aparente com o inseto. O nome *cachimbal*, também não dicionarizado, pela proximidade fônica pode remeter a *cachimbo*, *cachimbó*, ou mesmo a *cacimba*. *Cachimbo*, em Ferreira (2004), vem do quimbundo *kixima* e, na primeira acepção, é o *aparelho para fumar, composto de um forninho, onde se põe o tabaco, e de um tubo, por onde se aspira o fumo. [Sin. bras. pito]*. *Cachimbó*, de origem indígena, em Ferreira (2004), é o nome de um pássaro que frequenta lugares alagadiços. *Cacimba*, por sua vez, também do quimbundo *kixima*, remete a poço, fonte, olho d' água. Sobre a primeira forma, ocorrem em algumas localidades do Brasil, outras variantes para a libélula, como *cigarra*, que, segundo informantes de Porto Alegre, está ligada a um suposto feminino de *cigarro*, devido ao formato alongado de ambos: o inseto e a porção de fumo enrolada em papel; no interior de São Paulo, foram registradas as formas *pito* e *pita* para a libélula, formas que podem estar associadas a *pito*, brasileirismo sinônimo de *cigarro*. A forma *cachimbal*, pois, pode ter sido criada popularmente, a partir de qualquer uma das três denominações referidas (*cachimbo*, *cachimbó* e *cacimba*), as quais contêm um ou outro sema que pode ser associado ao conceito libélula: *água*, terreno alagado, formato longo e fino.

A essa classificação de Alinei (1983), o *corpus* possibilita acrescentar outra classe ligada à zoomorfização por meio do recurso de o falante atribuir à libélula o mesmo nome de outros animais que trazem em seu conceito algum traço semico comum partilhado com a descrição do inseto. Exemplifica-se com: *besouro*, *cigarra*, *cavalo-de-deus*, *louva-deus*, *cavalo-do-cão*, *cavalo d'água*, *cabra-cega* e *macaco*, *macaquicho*.

Outro recurso para a criação popular de novas palavras é a onomatopeia, exemplificada com *ziguezique*, que lembra o som do inseto durante o voo, cuja variante fonética *ziguezague* remete ao voo cheio de meandros executado pela libélula. Finalmente, sugere-se que o nome metafórico, *helicóptero*, tenha sido criado pela associação com o formato (corpo alongado), pelas asas finas (hélices) de ambos os referentes. Alguns desses semas estão contidos em *avião*, cujo significado original foi estendido para designar a libélula.

4.7 DENOMINAÇÕES PARA BOTEÇO NAS CAPITALS BRASILEIRAS⁷

Dentre as perguntas do Questionário Semântico-lexical que mais diretamente fornecem elementos para a discussão da questão do *continuum* rural e urbano na norma lexical do português do Brasil, foi selecionada a pergunta 202 vinculada ao campo semântico Vida Urbana (“Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma outra coisa”) e analisou-se um *corpus* formado por 15 unidades lexicais que computaram 476 ocorrências, recolhidas em 25 capitais brasileiras, a partir de duas perspectivas: i) a produtividade de cada variante e respectiva distribuição diatópica dos dados catalogados; ii) discussão da dimensão semântica do acervo lexical examinado. A Tabela 4.6 apresenta os dados em exame.

Tabela 4.6 Denominações para *boteco*

VARIANTES	Nº.	%	VARIANTES	Nº.	%
boteco/botequim	162	34,00	birosca	4	0,85
bar/barzinho	156	32,8	comércio	3	0,64
mercearia	39	8,2	pé sujo	3	0,64
bodega	19	4,0	baiúca/baiú	2	0,42
venda	17	3,6	empório	2	0,42
taberna	17	3,6	lancheonete	2	0,42
quitanda	15	3,2	cantina	2	0,42
bolicho	7	1,5	morre em pé	1	0,21
barraca	6	1,3	cigarreira	1	0,21
quiosque/quiosquinho	5	1,05	inferninho	1	0,21
armazém	5	1,05	conveniência	1	0,21
mercadinho	5	1,05			
TOTAL				476	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Do conjunto de variantes catalogadas, sete foram mais produtivas, duas delas com expressiva ocorrência em todas as capitais brasileiras: *boteco* e *bar*. Na

⁷ Esse tema será objeto de cartografia no volume 4 do *Atlas Linguístico do Brasil* e de estudos referente às cartas do volume 4.

sequência, figuram *bodega*, *venda*, *taberna* e *quitanda*. Outro aspecto a ser destacado é a produtividade em termos absolutos dessas unidades lexicais, segundo a região geográfica brasileira que é apresentado no Quadro 4.2:

Quadro 4.2 Denominações para *boteco* mais produtivas nas Grandes Regiões brasileiras

VARIANTES	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	TOTAL
boteco/botequim	35	48	23	34	22	162
bar/barzinho	33	49	20	36	18	156
mercearia	12	20	1	5	1	39
bodega	1	17	-	-	1	19
venda	1	6	3	1	6	17
taberna	17	-	-	-	-	17
quitanda	1	13	1	-	-	15
bolicho	-	-	7	-	-	7
barraca	-	6	-	-	-	6
outras	10	11	5	8	4	38
TOTAIS	111	163	60	84	52	476

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Nota-se que algumas variantes *são de uso circunscrito a determinadas regiões, como ocorre com taberna* documentada somente na região Norte; *bolicho* que se restringe apenas ao Centro-Oeste e *barraca* que teve representação somente no Nordeste. *Quitanda* foi outra variante lexical com uso em um espaço geográfico bem delimitado: o Norte e o Nordeste do Brasil. Já *bodega só não foi identificada nas regiões Centro-Oeste e Sudeste*. As outras três variantes lexicais que alçaram maior índice de ocorrência, embora tenham sido registradas nas cinco regiões geográficas do Brasil, comportam-se de formas distintas em cada uma delas. É o caso de *boteco/botequim* que se destacaram nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, embora com diferença pouco significativa em relação às outras duas regiões; fenômeno similar ocorreu com *bar/barzinho*. Já a forma *venda* teve maior destaque nas regiões extremas do território brasileiro: no Norte e no Sul, enquanto *bolicho* foi documentado somente no Centro-Oeste. Questões de natureza sócio-histórica (processo de colonização, áreas mais conservadoras em termos de vocabulário, localidades de fronteira com países de língua espanhola...) justificam o exposto.

No Quadro 4.2, ao item “outras” foram agrupadas as variantes com menor índice de produtividade no *corpus* estudado: *quiosque*, *armazém*, *mercadinho*,

birosca, *comércio*, *pé sujo*, *baiúca/baiú*, *empório*, *lanchonete*, *cantina*, *morre de pé*, *cigarreira*, *inferninho* e *conveniência*. Esse rol de designativos dá mostras da diversidade de nomes atribuídos ao *boteco*, alguns deles de uso já cristalizado como denominação do tipo de estabelecimento em pauta, como *birosca* – “RJ Pop. Merceria modesta instalada em favelas ou áreas pobres, onde também se vendem bebidas alcoólicas” – e *baiúca* – “Botequim simples que ger. vende bebidas alcoólicas; bodega”, ambas registradas no dicionário de Caldas Aulete (*online*). Também a expressão *pé sujo* está registrada por Houaiss (2001) no verbete *venda* – o lexicógrafo marca como regionalismo do Brasil a acepção de *venda* como “estabelecimento humilde aberto por negros egressos de escravidão” e aponta como sinônimas de *venda*, por um processo de derivação, por extensão de sentido, as formas *bar*, *botequim* e *pé sujo*. Em contrapartida, houve a documentação tanto de itens lexicais que nomeiam espaços comerciais do cotidiano do mundo moderno como *lanchonete*, *cantina*, *conveniência*, *mercadinho*, como unidades léxicas que se reportam a momentos pretéritos da sociedade brasileira, como *empório* (“Bras. Armazém de secos e molhados; merceria”); *quiosque* (“Pequena construção em lugares públicos para venda de jornais, flores, bebidas etc.”) (CALDAS AULETE, *online*) e *armazém* (“estabelecimento comercial onde se vendem ao público gêneros alimentícios e diversos utensílios caseiros; merceria”) (HOUAISS, 2001) que, na contemporaneidade, estão sendo recicladas e utilizadas na nomeação de estabelecimentos comerciais modernos, inclusive em grandes centros urbanos⁸.

O *corpus* evidencia, enfim, uma diversidade de unidades lexicais apontadas como denominação do referente boteco, muitas delas já cristalizadas como designações de outros conceitos. Dois fatores podem justificar esse fenômeno. De um lado, o desconhecimento e/ou a pouca familiaridade com o referente e, de outro lado, as similaridades existentes entre as definições da maioria das unidades lexicais mencionadas pelos habitantes das capitais brasileiras. O quadro apresentado na sequência, elaborado com base nos semas presentes nas acepções registradas nos dicionários Houaiss (2001), Ferreira (2004), Caldas Aulete (*online*) e Silva (1813), para os itens lexicais listados na primeira coluna, demonstra proximidades e distanciamentos entre as características dos referentes nomeados. A última coluna registra os sinônimos registrados pelas obras lexicográficas consultadas.

⁸ As variantes lexicais *morre de pé*, *cigarreira* e *inferninho*, de ocorrências únicas, parecem apontar para idiossincrasias dos falantes, provavelmente motivadas por seu conhecimento de mundo e/ou desconhecimento do referente.

Quadro 4.3 Comparação entre traços semânticos presentes nas definições das denominações de *boteco*

Item lexical \ Semas	Estabelecimento comercial, simples/popular	Balcão/mesas	Venda de bebidas	Venda de refeições rápidas/lanches/petiscos	Venda de gêneros alimentícios	Sinônimos/Dicionários
boteco/ botequim	X		X	X		bar, birosca
bar/ barzinho		X	X	X		botequim
mercearia	X		X		X	armazém, tenda, venda
bodega ⁹	X		X		X	boliche, bolicho, taberna
venda	X		X		X	quitanda, armazém, bar, botequim, pé sujo
taberna ¹⁰	X		X	X		
quitanda	X					venda
bolicho	X		X	X	X	venda, bodega
barraca ¹¹	X		X			

Recorrendo a registros de dicionários etimológicos, encontra-se em Machado (1987), para botequim, a provável origem italiana, do it. *botteghino* ‘loca de vendita dei bighietti del teatro’; banco del lotto” [...] venez. *botteghin*, “lojinha”. Cunha (1982), por sua vez, acrescenta para “banco de loto”, de *bottēga* ‘negócio (local e comércio)’, deriv. do lat. *apothēca* e, este, do gr. *apothēkē* ‘depósito,

⁹ “Taverna móvel, como as das feiras, onde se come, bebe” (SILVA, 1813).

¹⁰ “Regionalismo de Portugal. Estabelecimento de venda, esp. de vinho, jeropinga e bagaceira para consumo local, além de petiscos (queijo, chouriços etc.) [...]” (HOUAISS, 2001).

¹¹ “Casa rústica, pequena e mal lavrada” (SILVA, 1813).

armazém’. Cunha (1982) define *botequim* como “*casa pública onde se servem bebidas, lanches e refeições (1858)*”. Contemporaneamente, a variante lexical *botequim* aparece definida como “estabelecimento comercial popular onde servem bebidas, lanches, tira-gostos e eventualmente alguns pratos simples; bar; boteco” (HOUAISS, 2001). Já a forma *boteco*, a de maior produtividade no *corpus* analisado, segundo Cunha (1982), origina-se de *botequim*. Houaiss (2011), por sua vez, marca *boteco* como um regionalismo do Brasil na mesma acepção de *botequim*. O lexicógrafo marca ainda a unidade lexical *boteco* como de uso informal, pejorativo na acepção de “pequena venda tosca onde servem bebidas, algum tira-gosto, fumo, cigarros, balas, alguns artigos de primeira necessidade etc. ger. situada na periferia das cidades ou à beira de estradas; birosca”. O mesmo dicionário ainda atribui a *boteco* a rubrica de regionalismo da Bahia na acepção de “tosca barraca volante montada ao lado dos barracões nas feiras”. Nota-se, pois, que os designativos *boteco* e *botequim* estão passando por um processo de ressemantização e têm sido empregados para nomear estabelecimentos comerciais modernos, com decorações temáticas (alguns deles resgatando elementos históricos da cidade e combinando estilos rústicos e modernos). Esse tipo de estabelecimento é frequentado predominantemente por jovens.

A segunda variante apurada com maior frequência, *bar*, segundo Machado (1987), tem origem “do ingl. bar, propriamente ‘barras’, de or. francesa; a razão do nome está no facto de existir por vezes entre o balcão e os clientes uma balastrada”. Trata-se de um termo contemporâneo (Séc. XX). Caldas Aulete (*online*) define a unidade lexical *bar* como “estabelecimento simples ou popular, onde se servem, em balcão ou em mesas, bebidas diversas e lanches, refeições rápidas etc.; botequim”. Também Ferreira (2004) faz remissão a *botequim* no verbete *bar*, unidade lexical que nas grandes cidades pode nomear também espaços modernos destinados à venda de bebidas e de petiscos e que são frequentados, especialmente, pela população jovem. Logo, o item lexical *bar* não mais designa apenas o “estabelecimento simples e popular”.

A terceira resposta mais produtiva para nomear o conceito contemplado pela pergunta 202/QSL/ALiB foi *mercearia*, item lexical que, segundo Cunha (1982), tem sua base no verbo *mercar* “comprar para vender, adquirir comprando (século XIII)”. Machado (1987) define *mercearia* como “estabelecimento”. “Do it. *merceria* ou *merciaria*, propriamente “o total dos artigos vendidos por um *mercario*”, derivado de *mèrce*, este do latim *merce* (‘mercadoria)”. Na atualidade, o item lexical *mercearia* nomeia, segundo Houaiss (2001), o “estabelecimento em que se vendem gêneros alimentícios e mercadorias de uso doméstico; armazém, tenda, venda”. Esse mesmo lexicógrafo marca como diacronismo antigo o uso de *mercearia* na acepção de “comércio de objetos baratos, loja em que é feito esse tipo de comércio”. Trata-se de um item lexical que nomeia pequenos estabeleci-

mentos comerciais, normalmente situados em bairros de grandes centros urbanos e, sobretudo, em localidades do interior.

Na sequência, situa-se o item lexical *bodega* que, conforme os registros de Cunha (1982), designa “Taberna, cantina XIII. Do lat. *apothēca*, deriv. do gr. *apothēkē* ‘depósito, armazém’”. Ferreira (2004) classifica o termo como brasileirismo na acepção de “pequeno armazém de secos e molhados. [Sin. (no RS): *boliche*.]”.

Já *bolicho*, unidade lexical característica da norma lexical da região Centro-Oeste, é marcada por Caldas Aulete (*online*) como regionalismo do MS e do RS, na acepção de “Pequena loja comercial, urbana ou à beira de estradas, onde o viajante encontra de tudo: roupas, calçados, alimentação, bebidas etc.; VENDA; BODEGA”. Representa uma forma derivada do espanhol *beliche*, o mesmo que *bodega*, no Rio Grande do Sul, conforme o mesmo dicionário. Por fim, *quitanda* e *barraca*, produtivas no Nordeste como denominação de *boteco*, representam usos regionais dessas variantes como designativos do tipo de estabelecimento objeto da pergunta 202/QSL/ALiB. Ambas designam genericamente tipos distintos de estabelecimentos comerciais. A primeira, mais usual na nomeação de pequena loja onde se vendem hortaliças, frutas, ovos... Deriva do “quimbundo *kitanda*, ‘feira’, segundo *Mendonça*” (MACHADO, 1987). Houaiss (2001) registra que, em Angola, *quitanda* nomeia genericamente “pequeno estabelecimento comercial, tenda”. Já a variante *barraca*, originalmente designava “tenda militar de campo; casa rústica, pequena e mal lavrada” (SILVA, 1813). Na atualidade, designa, dentre outros referentes, “abrigo desmontável e portátil, feito de tecido ou plástico resistentes, us. em acampamentos; TENDA; Estrutura com bancada e cobertura, us. por feirantes etc. para exporem seus produtos” (CALDAS AULETE, *online*). O uso dessa variante no Nordeste pode ser interpretado como uma influência do ambiente físico e socioeconômico – tipo de estabelecimento comum nas praias e nas feiras livres.

4.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação às realizações africadas palatais depois de semivogal palatal, aqui analisadas, destacam-se: a) o indício de mudança representado pela maior frequência (com índices de pesos relativos mais elevados) dessas variantes em falantes da faixa etária II, em todas as capitais; b) o seu caráter estigmatizado que se depreende da maior ocorrência em falantes com menor grau de escolaridade, mesmo nas capitais, como Maceió, em que as variantes palatais predominam nos dois grupos de falantes.

Em virtude dessa estigmatização, pode-se identificar a mudança de africadas palatais para oclusivas dentoalveolares como uma mudança de cima para baixo (Cf. LABOV, 1972).

O caráter estigmatizado das africadas depois de semivogal palatal, nos falares baiano e nordestino, pode ser comprovado, ainda, pela sua ocorrência prioritária, em trechos de fala espontânea, como observado em trabalhos anteriores, em Salvador, na fala de informantes de nível universitário do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), por Mota e Rollemberg (1997), no *corpus* do Projeto ALiB, nas capitais do Nordeste, por Mota (2011), Mota e Santos (2012); e em Aracaju e Alagoas, por Santos (2012).

Os inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil, nas 25 capitais brasileiras, têm mostrado também a variação lexical, tanto do ponto de vista diatópico como diastrático, confirmando resultados obtidos nos atlas regionais já publicados ou apresentando novos resultados. O item lexical *arco-íris* é o mais usado, em todas as capitais e por todos os tipos de informantes, quanto ao sexo, à faixa etária e à escolaridade. A forma *libélula*, porém, embora seja a mais produtiva no cômputo geral, com 42 das 181 ocorrências, representa pouco mais de 20% do total de registros.

No caso das variações lexicais para nomear o conceito normalmente denominado de *arco-íris*, os resultados nas capitais, com os dados do ALiB, não confirmam a imensa riqueza lexical apresentada nos atlas regionais, uma vez que foram encontradas apenas oito variantes diatópicas, sem grande representatividade diastrática. Apenas para confirmar o que aqui se afirma, em trabalho realizado por Aragão (2008), que contemplou o estudo das variantes para *arco-íris* com base nos atlas da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná, foram encontradas vinte e três variantes para a forma básica: *arco-íris*, *arco*, *arco-celeste*, *arco-da-velha*, *arco de velho*, *arco-de-boi*, *arco-da-aliança*, *sete-couros*, *barra-de-nuvem*, *arco-do-sol*, *rabo-de-galo*, *olho-de-boi*, *mãe-d'água*, *rabo-de-pavão*, *navio*, *as barras*, *sub-dourada*, *as torres*, *os véus*, *os vieiras*, *arco-da-aliança de Jesus*, *arco-da-nova-aliança*, *aliança de Cristo com os homens*.

A hipótese para esse resultado é a de que, nas capitais, mesmo os informantes de pouca escolaridade, não conhecem o meio rural e não tiveram contato com formas populares para o item lexical *arco-íris*. Ao contrário, no caso das respostas para a *libélula*, constata-se que ainda é muito rico o rol de variantes, colocando esse acervo entre os mais polimórficos e com motivações bastante diversificadas para os nomes populares. O índice de ausência de respostas, porém, pode apontar para aquela hipótese, que poderá ser confirmada ou não, quando forem incorporados os resultados dos inquéritos nos pontos do interior.

As motivações semânticas para o uso das variantes de *arco-íris* são de caráter meteorológico, religioso e representam as credences populares, que creditam aos deuses o surgimento dos *arco-íris*, trazendo dificuldades e problemas quanto à chuva, especialmente no Nordeste, onde a falta de chuvas é um dos flagelos enfrentados pela população. Os *arco-íris* são vistos como animais que sugam as águas dos rios e córregos, e seu desaparecimento faz surgirem nuvens carregadas

que trazem as chuvas. Na análise das variantes para a *libélula*, porém, as denominações indicam que o inseto é tido, sobretudo, como alegre, barulhento, antropomorfizado, mas inofensivo, apesar de ainda permanecer na memória de quatro dos 200 falantes algum atributo negativo, como em *cavalo-do-cão*.

Por fim, no que se refere às denominações registradas para *boteco* no universo estudado, nota-se a manifestação do *continuum* rural e urbano na norma lexical do Português do Brasil, pois concorrem, nesse universo, formas que recuperam o cenário do meio rural, rústico, com o uso de itens lexicais já cristalizados na língua para nomear o “lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma outra coisa”, como *bodega*, *taberna*, *bolicho*, *botequim/boteco*, com designativos que remetem a referentes do meio urbano como *bar*, *armazém*, *lancheonete*, *mercearia*, *venida*, dentre outros, demonstrando que, na discussão de questões que envolvam a relação entre elementos característicos dos ambientes urbano e rural, não há mais espaço para a visão dicotômica entre esses dois universos, uma vez que, em decorrência dos avanços do mundo moderno, a linha que separa esses dois mundos torna-se cada vez mais tênue, o que respalda a visão do *continuum* no exame dessas relações. A grande produtividade do item lexical *boteco* no *corpus* estudado muito bem ilustra o exposto, uma vez que, se de um lado pode representar a manutenção do termo na norma lexical de todas as capitais brasileiras, de outro, aponta para o uso contemporâneo de *boteco* nos centros urbanos, não como designativo do estabelecimento rústico de outrora, mas para nomear tipos de bares frutos da modernidade. Logo, a ressemantização dessa unidade léxica no uso contemporâneo, para nomear um tipo de espaço próprio da realidade urbana reflete a interferência da dinâmica social na norma lexical.

Trabalhos desse tipo confirmam, mais uma vez, a importância dos atlas linguísticos regionais e, mais ainda, do Atlas Linguístico do Brasil, que, a partir de pesquisa controlada pelos mais rígidos princípios teórico-metodológicos, resgatam não apenas a língua portuguesa falada em nosso país, mas, principalmente, os costumes, as tradições, os modos de viver e sentir do povo brasileiro, em toda a sua complexidade.

REFERÊNCIAS

- ALINEI, M. Arc-en-ciel. *Atlas Linguarum Europae*. Assen: VanGorcum, 1983.
- ARAGÃO, M. S. S. A variação dialetal e sociolingüística em itens lexicais. In: *XXII Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos*. Maceió: Ufal, 2008. p. 617-620.
- ARAGÃO, M. S. S. As denominações de *Arco Íris* nas Capitais Brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. IV Seminário Internacional de Linguística. IV SIL. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2011. p. 764-779.

- BÍBLIA. Português. 1977. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 23. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.
- BARBOSA, M. A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I Encontro de Estudos Lingüísticos de Assis. *Anais*. Assis: Unesp, 1993.
- CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário Aulete da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Lexicon. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e>. Acesso em:
- CARDOSO, S. A. M. Arco-íris, estrela cadente e via-láctea: que traçados fazem do português do Brasil? *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. XXIV, p. 77-100, 2001-2002.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil*. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1. _____ . *Atlas Lingüístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. _____ . *Locuções tradicionais no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Campanha da Defesa do Folclore Nacional, 1977.
- COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.
- CUNHA, A. G. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- DIAS, A. L. C. *Processos de palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava-TO*. 2009. 176f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil, em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1972.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. v. 1-5.
- MOTA, J. A. Variação diatópica e variação social nas capitais do Nordeste: dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. In: CARVALHO, Cristina dos Santos; ROCHA, F. A. B.; PARCERO, L. M. J. (Org.). *Discurso e Cultura: diálogos interdisciplinares*. Salvador: Eduneb, 2011. p. 25-39. v. 1.
- MOTA, J. A.; SANTOS, A. M. O. Onde estão as “Africadas Baianas?”. In: ALTINO, F. C. *Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012. p. 189-209.
- MOTA, J. A.; ROLLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.

NASCENTES, A. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica.

In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico*.

Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

SANTOS, A. M. O. dos. *As 'Africadas baianas' em Sergipe e Alagoas: um estudo a partir dos dados do Projeto ALiB*. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SILVA, A. M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1813. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

